

A situação do negro no Oeste Paulista: um breve comparativo de sua evolução na última década.

Autor: Gabriel Gonzales. Orientador: Raul Borges Guimarães-Inter-áreas- Geografia/Geografia- Departamento de Geografia- Faculdade de Ciências e Tecnologia- Campus de Presidente Prudente. Co-orientador: Umberto Pessoto. Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo – SUCEN.

O problema das desigualdades sociais no Brasil é hoje uma das principais preocupações dos agentes públicos, seja para formulação de políticas sociais seja para definição de estudos e pesquisas.

No interior dessa problemática ganha relevância a situação do negro, em função das consequências contemporâneas de quatro séculos de escravidão e da notoriedade do movimento por reparação de direitos. A população de cor negra no Brasil é alvo das mais inúmeras barreiras que impedem seu acesso aos melhores níveis de desenvolvimento humano e social, principalmente nas camadas mais pobres da atual estrutura social imposta. Quando executamos um recorte geográfico a fim de verificar níveis mais direcionados da situação dos indivíduos de cor negra, percebemos características peculiares a áreas distintas do Brasil.

Neste caso, utilizando o critério de divisão regional efetuada pela Secretaria Estadual de Saúde, as “DIR’s”, trabalharemos o caso da divisão XVI, que compreende a porção oeste do Estado de São Paulo, juntamente com o município de Presidente Prudente.

Afim de obter um maior embasamento para o trabalho pesquisamos a situação de todas as cores de peles utilizadas por um dos principais institutos de pesquisa populacional deste país: o I.B.G.E.

Metodologia

Para selecionar as devidas cores de indivíduos a trabalhar, o critério escolhido foi, como já expresse acima, o aplicado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), determinando cinco cores a abordar: Branca, Preta, Parda, Amarela e Indígena.

Foram comparados os períodos de 1991 à 2000, através de seus referidos censos, analisando a taxa de crescimento (percentual bruto) da população da DIR XVI.

Acreditamos que o conhecimento da taxa de evolução da população no período abordado, traga à luz possíveis fenômenos de perda ou ganho populacional, o que indicaria possíveis falhas ou acertos na conduta da sociedade juntamente com os órgãos públicos perante à uma cor em detrimento de outra.

Na segunda etapa do trabalho, ainda pelo critério de cores do IBGE, pesquisamos a taxa de analfabetismo da DIR XVI. Esta faceta é um importante indicador não só educacional, como de perspectiva de futuro e condutas públicas.

Evolução da População

Dentre todas as cores, a que apresentou a maior taxa de crescimento populacional na DIR XVI foi a negra, com 16,6%. As cores brancas e indígenas situam-se na margem de crescimento de 10%, a cor parda fica com 3,79% e a amarela com 0,94%. Dentre as 44 cidades pesquisadas, ocorrem alguns destaques que vão de encontro com os dados citados acima, como é o caso de Marabá Paulista, que obteve um decréscimo de 83% de sua população de cor negra. Vale frisar também o caso de Presidente Prudente, que registrou um aumento de 17% de sua população de cor Branca.

Negros

No que tange à cor negra, 24 municípios obtiveram, ainda no período de 1991 à 2000, crescimento da população da cor. Dentre eles 24 municípios obtiveram um acréscimo de sua

taxa populacional , 15 registraram um decréscimo da população da referida cor e 5 ainda não eram municipalizados em 1991. Dos municípios que registraram um decréscimo, sua taxa de perda populacional varia de 17 à 84 %. Já os municípios que obtiveram aumento da população relatada, 8 deles registraram um acréscimo que supera a marca de 81%, também mais 8 registram acréscimo na margem que varia entre 31 à 50 %, 5 uma taxa entre 0 e 30 % e 3 dos municípios uma taxa entre 51 e 80%. Com perda da população negra destaca-se o município de Marabá Paulista, com queda de 83%.

Brancos

Já entre os brancos, 26 municípios obtiveram aumento de população da cor, 13 registraram um decréscimo e 5 ainda não eram municipalizados em 1991. Dando destaque para os municípios que registraram aumento populacional, 21 , ou seja, a grande maioria, situam-se na margem que varia de 0 à 30% de crescimento, 3 municípios encaixam-se na margem que vai de 31 à 50% e 2 com índices que vão de 51% para mais. Já os municípios que contabilizaram baixas de suas respectivas populações de cor branca, destacamos Teodoro Sampaio, que registra um déficit de 57%. Em oposição a este dado temos Ouro Verde, que registrou um aumento de 729% de sua população branca no período.

Pardos

Focando a população de cor parda, 21 municípios registraram aumento populacional, 18 um decréscimo de sua população da referida cor e 5 ainda não eram municipalizados em 1991. Dentre os municípios que obtiveram aumento da população de cor parda 12 encontram-se com uma taxa de crescimento que varia de 0 à 30%, 4 municípios registram um aumento que esta inserido na margem de 31 à 50% de crescimento e 6 apontam um acréscimo de mais de 51% de sua população da cor referida. Já no caso dos municípios que a taxa populacional decresceu a variação encontrada foi de 13 à 64 % de perda populacional. Destaque para Alfredo Marcondes, que atingiu o aumento de 187% de sua população de cor parda e para São João do Pau d'Alho, que perdeu 64% da população da cor abordada.

Amarelos

Neste caso, grande parte dos municípios da DIR XVI (26) registram uma queda da população agora abordada , 13 demonstram um aumento populacional e 5 ainda não eram municipalizados em 1991. Dos municípios que perderam população da cor, a taxa de queda varia de 7 à 100%. Já entre os demais municípios, 7 dos treze aqui enquadrados, registram taxa acima dos 80% de crescimento no período. É relevante citar o caso de Marabá Paulista que obteve um decréscimo populacional de 100%. Do outro lado da questão está Santo Expedito, que registrou um aumento de 158% de sua população amarela.

Indígenas

A população indígena, como foi dito acima, foi uma das que obteve o maior salto de número de indivíduos. Na DIR XVI, 6 municípios registraram aumento da população da cor, 1 registrou decréscimo, 32 permaneceram sem alteração e 5 ainda não eram municipalizados em 1991. Dentre os municípios que obtiveram acréscimo populacional percebe-se um certo equilíbrio: 3 estão na margem que compreende aumento de 0 à 50% e 3 estão na faixa que varia de 51% ou mais de crescimento. Apenas 1 município (Sandovalina) registrou perda de população indígena, 100% de queda. Dos municípios que aumentaram seu contingente da população da cor destaca-se Dracena, com um aumento de 82 %.

Grande parte dos municípios aqui trabalhados possuem uma população inferior aos 30 mil habitantes (31 de um universo de 44 municípios) e devido à isto é favorável o acontecimento de índices percentuais altíssimos, pois a variação bruta de dados mesmo sendo mínima, já reflete maciçamente nos dados descritos em porcentagem.

Analfabetismo

O Analfabetismo nos revela dados que vão muito mais além do que o simples grau de instrução do universo trabalhado. Ele permite a definição de critérios para um recorte da questão da exclusão social de determinados setores, classes, áreas e como no nosso caso, a cor.

Ainda utilizando a DIR XVI, como recorte regional, vamos detalhar agora como cada universo de cor (segundo o IBGE) está enquadrado neste quesito.

Dentre as cores, a que possui o menor índice percentual de alfabetizados é a cor preta, com 78% de indivíduos. Já entre os amarelos, situa-se o maior percentual de alfabetizados, com 95% do total de indivíduos. Entre os pardos a taxa encontra-se com o valor de 92% de alfabetizados. Entre os indígenas o índice chega à 83% e entre os brancos 82% de indivíduos com alfabetização.

Negros

Como foi dito acima, a população de cor negra é a que mais sofre com o analfabetismo. A média de analfabetos, dentre os negros na DIR, chega à marca de 17,7%, um índice alto, principalmente se comparado com os amarelos, onde o índice chega aos 4%. A nível nacional, a taxa de analfabetismo dos negros chega à marca de 23.2% e no Estado de São Paulo o índice chega aos 12.3%. Dentre as cidades da DIR XVI, a que possui o menor índice de analfabetismo entre a população negra é Presidente Prudente, com 12.3%. Do outro lado, temos Taciba com 35,6% de analfabetos de cor preta.

Brancos

Já entre os brancos, o índice de analfabetismo na DIR XVI chega a marca de 9.15%. A nível de Brasil a marca chega à 10.8% de analfabetos. No estado de São Paulo, o índice chega à 7.6% de analfabetos de cor branca. Analisando as cidades da DIR XVI, o município que possui o menor índice de analfabetismo entre os brancos é Presidente Prudente, com 6.3%. Já o município com maior taxa de analfabetos brancos é Santa Mercedes com 20.7%.

Pardos

O analfabetismo entre indivíduos de cor parda na DIR XVI atinge a marca de 7.3%. Ao compararmos com o índice brasileiro vamos perceber uma enorme discrepância pois a marca nacional chega à 21% de analfabetos pardos. Já o índice estadual atinge a marca de 11.9% de analfabetos de cor parda. O município de Nova Guataporanga (DIR XVI) possui o surpreendente índice de apenas 1.5% de analfabetos da cor, enquanto Alfredo Marcondes (DIR XVI) possui a marca de 14.4% de analfabetos pardos.

Amarelos

Na DIR XVI, o analfabetismo entre indivíduos de cor amarela chega à marca de 4.4%. No Brasil, este mesmo índice atinge a marca de 8.2%, enquanto no estado de São Paulo o índice chega a 3.4%. Dentre os municípios da DIR XVI 23 deles possuem 0% de analfabetos de cor amarela, porém a cidade de Nantes possui apenas 11 indivíduos desta cor, sendo que 5 são analfabetos, evidenciando portanto que 45% de sua população da cor não são alfabetizados.

Indígenas

O analfabetismo entre os indígenas na DIR XVI atinge a marca de 16.4%. No Brasil a mesmo índice chega à 30.1% e no estado de São Paulo à 12.6%. Narandiba, na DIR XVI, possui uma marca abaixo até da média nacional, pois todos os indígenas no município são analfabetos. Temos também 11 municípios com 0% de analfabetos de origem indígena. Lembrando que estamos trabalhando, a nível municipal, com populações extremamente pequenas.

Conclusões

São poucos os estudos orientados a partir do quesito raça/cor da pele da população evidenciando as desigualdades no acesso tanto a bens materiais e consumo privado quanto a bens públicos. Mesmo com esta realidade é comum ouvir-se hoje em dia inúmeros acadêmicos afirmando a existência de preconceito para/com os negros, muitos deles sem embasamento teórico para tal afirmação.

O que vemos com estes resultados, é uma população negra crescente na região Oeste do Estado de São Paulo. Vemos taxas acima das demais populações distintas pela cor, o que requer atenção para a questão. De 1991 à 2001, o número de negros na região cresceu 16 %, acima de brancos, pardos, amarelos e indígenas. Isto revela e extrema necessidade do direcionamento de políticas públicas voltadas para a cor, políticas que se apliquem tanto no âmbito da conscientização à igualdade, quanto nos investimentos à saúde, já que sabemos que os negros estão mais propícios à determinadas doenças quando se compara com as demais cores.

Agora, observando o caso do Analfabetismo concluímos que o negro está mais sujeito ao descaso que qualquer outro indivíduo das demais cores de pele. O analfabetismo entre os negros é maior devido ao fantasma do preconceito que não só ronda a região e o país, mas está cruelmente evidenciado nas estatísticas, juntamente com os mais dolorosos índices sociais. Este número, o analfabetismo, mostra mais uma vez a real necessidade de investimentos para/com a educação do jovem negro, investimentos que não só o tirem das ruas, mas que garantam a ele um futuro sem humilhações e segregacionismos.

Porém, nenhum investimento financeiro por si só é capaz de resolver a problemática imposta. A conscientização da sociedade para a causa é fundamental e alcançável com o tempo e os esforços de nós, possuidores do conhecimento, que com nossas ações estaremos semeando o preconceito ou exterminando uma das mais repulsivas formas de tortura para/com o ser-humano.

Fica aqui registrada uma pesquisa feita isenta de pré ideais, que procurou dentro de suas limitações mostrar com dados confiáveis a situação de uma população ainda tão exposta ao sofrimento numa longínqua região do Estado de São Paulo: o negro no Oeste Paulista.

Dando prosseguimento ao trabalho, estamos efetuando um estudo sobre as causas de mortalidade dentre os negros, o que será apresentado em uma outra oportunidade.

Referências Bibliográficas

BATISTA, Luis Eduardo./A Morte tem cor/ **Raça Etnia e Saúde**, São Paulo, nº31, pg 18-21, DEZ/2003

BATISTA, Luis Eduardo; ESCUDER, Maria Mercedes Loureiro; PEREIRA, Julio Cesar Rodrigues. / Morte tem cor/ **Revista Saúde Pública**, São Paulo, nº38, pg 630-631, 2004.

FERREIRA, Ricardo Vicente; MARTINEZ, Marcos. **“Distribuição da População residente no Estado de São Paulo por raça cor”**. Fundação Seade: São Paulo, 2000

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponibiliza dados sobre evolução populacional e analfabetismo. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 30set2006

PELLINI, Alessandra Cristina Guedes; *et al.* / Investigação dos casos de Sarampo no Estado de São Paulo na Era Pós-controle/ **Boletim Epidemiológico Paulista**, São Paulo, nº19,pg 1-20, JUL/2005.

